Entrevista de **Isabel Paulo** e **Vítor Rainho**
Fotografias actuais de **António Pedro Ferreira**
enviados a Londres

"Sou a grande cabeça em Portugal"

José Mourinho é obcecado com o futebol. Para ele só a vitória interessa. Acredita que vai transformar o Chelsea no maior clube do mundo. E nunca mais falou com Pinto da Costa

O encontro estava marcado para o centro de treinos do Chelsea, perto do aeroporto de Heathrow. Enquanto a constelação de estrelas da equipa londrina ia cumprindo o programado por José Mourinho, eis que se dá pela chegada de Roman Abramovich, o todo poderoso patrão do clube. O milionário russo surgiu no complexo desportivo rodeado de oito seguranças que se faziam transportar em três carros. A entrevista foi adiada do meio-dia para as quatro da tarde — porque Mourinho foi «raptado» para ir dar uma última opinião sobre o novo complexo desportivo do clube. Já no hotel colado ao estádio do Chelsea, o técnico ainda falou à revista alemã «Der Spiegel» e, depois, recebeu-nos conforme tínhamos combinado. Foi um homem calmo e muito ponderado durante as quase três horas de conversa. Nem com a abordagem de temas delicados, como a história da ameaça de morte, perdeu o seu novo estilo «british».

Sinto que sou a grande cabeça, em Portugal e na Europa, **de uma nova forma de pensar o jogo**, os jogadores e os treinos

Tem tendência a relacionar-se com dirigentes fortes, mas também polémicos: Vale e Azevedo, Pinto da Costa, agora Abramovich...

Um grande dirigente desportivo, um dono de um clube, tem de ser uma figura marcante. Nunca nenhum deles me disse uma única palavra sobre o meu trabalho propriamente dito.

Mas costuma estar em sintonia com o discurso deles. Chegou ao Porto e disse que no ano seguinte iam ser campeões. Sabia perfeitamente que não era só o que a massa associativa queria ouvir, mas também o próprio presidente.

Claro que eu sabia que era o que ele queria. Mas, fundamentalmente, era o que eu queria.

Nessa altura falou com uma convicção: «Tenho a certeza absoluta que seremos campeões para o ano».

Sabe por que disse isso? Porque em Portugal ser campeão é fácil. Tinha essa certeza. Se tivesse ficado em Portugal este ano ia ser campeão outra vez. Basta ter um grupo forte de jogadores — não é preciso uma estrela de Hollywood — um bom treinador, como eu sabia que era, um clube com capacidade de resposta às necessidades básicas, e é fácil ser campeão. O FCP ia estrear um centro de estágio fantástico, tinha um grande presidente, marcante, que ajudava à sua solidez.

Tinha uma equipa má.

Mas tinha a garantia da resposta às minhas necessidades. Se tenho ido para o Porto e o presidente me tem dito «você vai ter que ficar com este, com aquele e o outro, eu não lhe dou quem você quer», eu não dizia que ia ser campeão no ano seguinte. Fizemos um esboço de plantel no primeiro dia em que nos encontrámos: disse que não queria o Ibarra mas o Paulo Ferreira, «eu dou-lhe o Paulo Ferreira», não gosto dos defesas-esquerdo que o clube tem, o melhor é o Nuno Valente, «se você diz que é o melhor, eu dou-lhe o melhor», quero o Derlei, é à minha responsabilidade, «se é à sua responsabilidade vai-se buscar o Derlei».

Conhecia a estrutura do FC Porto e sabia que é uma equipa que joga com factores psicológicos muito fortes, nomeadamente a pressão sobre os árbitros, a perseguição — «está tudo contra nós»...

Mas isso não resultou nos três anos antes de eu chegar!

Pois não, não lhe estamos a tirar mérito.

Está a falar de pressão sobre os árbitros e que no FC Porto resulta. Mas, por exemplo, no último fim-de-semana, o Porto perdeu com o Boavista com um golo em fora-de-jogo e o Benfica empatou com o Rio Ave com um golo em fora-de-jogo! As coisas não são assim. Ao longo de um campeonato, o FC Porto ganha dois, três jogos porque o árbitro se enganou, o Benfica ganha dois ou três e o Sporting também. No Porto eu sabia que as condições de trabalho eram as melhores, o presidente era fortíssimo e a capacidade de resposta às minhas necessidades era enorme.

É evidente que tem grande confiança em si. É o que lhe permite entrar em algumas guerras. Por exemplo, no balneário.

Não sei se se pode chamar confiança. Só consigo trabalhar quando gosto das coisas e elas estão como eu gosto.

O que conta mais para o sucesso? O peso do treinador? A escolha dos jogadores?

Tanto é verdade que os jogadores podem fazer um treinador melhor do que aquilo que ele é, como o treinador pode fazer os jogadores melhores do que aquilo que eles são. Há influências múltiplas. Os meus jogadores não têm que me agradecer o que fiz deles, da mesma maneira que não tenho que lhes agradecer o terem-me dado essas vitórias. Pagam-me para ganhar e para fazer os meus jogadores melhores e os clubes melhores, aos jogadores pagam-lhes para o mesmo. Mas o mais importante é os jogadores acreditarem no que estão a fazer. Pôr os jogadores numa sala a ver 45 minutos de vídeo é qualquer coisa que tem barbas no futebol português, da mesma maneira que também tem barbas que ao fim de 20 minutos meia-dúzia deles já esteja a dormir e o resto esteja a olhar para o lado. O trabalho tem que ser motivante. E isso custa muito. Jogarmos ao domingo e à quarta e ao sábado e ao domingo e à quarta e ao sábado, e preparar estas análises e apresentações para os jogadores não é vida fácil. O André Vilas-Boas, que trabalha comigo, merece todas as libras que ganha, porque ele tem dias em que nem dorme.

ASF

PEDRO SÁ DA BANDEIRA/RECORD

SERGIO GRANADEIRO

ENQUANTO treinador do Benfica; com Toni, que lhe sucedeu no clube da águia, num jogo que opôs a União de Leiria aos encarnados; no Barcelona, com Giovanni e Rivaldo, e com Robson nos tempos em que era adjunto no Sporting

Se for neste momento ao Porto, **preciso de levar guarda-costas**. Mas não quero falar desse tema

ANDRÉ ALVES/ASF

É quantificável o aspecto psicológico de um jogador em campo?
Não sou capaz de o fazer. E sinto — tenho a certeza que é assim — que sou a grande cabeça em Portugal (de certeza) e na Europa também, de uma nova forma de pensar o jogo, os jogadores e o treino. Defendo a globalização do trabalho, a não separação das componentes físicas, técnicas, tácticas e psicológicas, pelo que o lado psicológico é fundamental.

Regressemos ao FC Porto: chega, arrasa, vence a Taça UEFA, a Liga dos Campeões Europeus. Em dois anos atingiu o topo. Como viveu a final, contra o Mónaco, recebendo um telefonema, através do telemóvel, do dirigente Reinaldo Teles com ameaças de morte?
...(**longa pausa**)... Não quero falar sobre isso. Acho que não é normal um treinador, na véspera do jogo mais importante do mundo, em termos de clubes, dormir mal. Alguns dormem mal porque estão com cagufa, mas como eu nunca durmo mal antes do jogo com medo dele, não acho normal dormir mal. Nem acho normal, no final desse jogo, e depois de o ter ganho, não ter disposição para exteriorizar todo o orgulho e a alegria. Isso não é normal. De tudo o resto não quero falar.

Não é frustrante alguém conquistar o que conquistou, ser quase um deus na cidade do Porto, e sair praticamente escorraçado?
Não saí escorraçado.

Se for neste momento ao Porto precisa de levar quatro ou cinco seguranças.
Preciso.

Isso não significa alguma coisa?
Se você for a Palermo se calhar também precisa.

O Mourinho ganhou tudo, fez do FC Porto o que ninguém tinha feito, tinha uma relação de «beijo na boca» com o presidente, até antes de se anunciar a sua saída para o Chelsea. De repente acontecem-lhe as ameaças de morte e acha que não há nada para dizer?
As coisas estão muito claras. Não quero dizer nada porque não posso dizer nada. Mesmo se pudesse não queria.

Foi vítima do próprio sistema do Porto.
Não quero saber disso para nada.
O que pensa de Pinto da Costa?
É um presidente fantástico. E sendo fantástico é mais fácil um treinador ser bom. Os presidentes não fazem os treinadores, mas ajudam a que um técnico seja melhor.
Falam-se?
Não.
Estão de relações cortadas?
Não.
Quando falou com ele pela última vez?
No dia da final em Gelsenkirchen.
No seu livro diz muito bem dele.
E continuo a dizer. Foi um presidente fantástico, do primeiro ao último dia. Ajudou-me em tudo o que precisei, deu resposta às minhas necessidades, ajudou-me a ter sucesso e ajudou o seu clube a tê-lo, que é o mais importante. Ponto final. Quando vim embora, nunca mais falei com ele.
E o que sentiu ao ver, na Luz, a pessoa que lhe fez ameaças de morte, e lhe cuspiu na cara, ao lado da companheira de Pinto da Costa?
Não achei nada. A esposa do senhor Pinto da Costa pode estar ao lado de quem quiser e o referido indivíduo também. Eu estou ao lado de quem eu quiser.
Não o chocou?
Não! Simplesmente não tenho nada a ver com isso.
Mas escreveu para a UEFA a desculpabilizar o FC Porto pela atitude do seu adepto no jogo com o Chelsea.
É normal. o FC Porto tem milhares de adeptos, e trouxe três ou quatro mil aqui a Stamford Bridge. Houve um que me cuspiu e a UEFA vai penalizar o clube por causa disso? Não me parece normal. Até pelo passado recente. Em duas finais europeias, que são finais problemáticas, o Porto esteve lá e não houve problemas com os milhares de adeptos presentes.
Para o jogo da Liga dos Campeões, no Estádio do Dragão, vai contratar uma empresa de segurança?
Não. Estará lá a segurança que o Chelsea leva sempre quando joga fora.
Mudando de assunto: acredita nas coisas místicas?
Respeito mas não alimento. Se o motorista do autocarro vier com as tangas que não pode entrar de marcha-atrás no estádio eu obrigo-o a entrar de marcha-atrás.
O futebol está mais próximo de uma ciência exacta do que dum mundo místico.
Então não?
Como é que alguém aos 41 anos chega ao topo do mundo do futebol, tão odiado, mas sempre com os jogadores do seu lado?
É o que conta.
É uma pessoa muito ambiciosa.
Pagam-me para ganhar. É o que esperam de mim, conseguir resultados. Quando não conseguir resultados sou despedido. O futebol é isto. Cada um, à sua dimensão, é pago para ter sucesso. Treino uma equipa pequena, pagam-me para não descer de divisão; treino uma equipa grande, pagam-me para ser campeão.
Mas acha que para ganhar vale tudo?
Depende do que achar que vale tudo.
Tirar a bola, por exemplo, ao jogador que vai fazer o lançamento e que pode pôr em perigo a sua equipa.
Não voltaria a fazer.
Porquê?
Começo a ver o futebol de maneira um bocadinho diferente, principalmente em Inglaterra. O «fair-play» é importante. Gosto de ganhar, mas gosto de ganhar porque mereço, não porque enganei o árbitro ou porque simulei um penálti. Estas pequenas atitudes servem para tornar o futebol um bocadinho mais feio.
Escreveu na sua crónica semanal no «Record» que em Inglaterra não se encontram os dirigentes nos jornais, que os treinadores emotivos não têm lugar no campeonato inglês.
Não são os treinadores emotivos, mas os treinadores fora de controlo emocional no final de um jogo. Em Inglaterra há um controlo inibidor, os processos disciplinares são a valer, do ponto de vista económico. O árbitro pode não ver um jogador que engana, mas ele é penalizado depois e não tem a mínima hipótese. Há um combate deliberado a esse tipo de atitudes. Eu digo aos meus jogadores que uma coisa é jogar o campeonato inglês, outra é jogar a Liga dos Campeões. No primeiro, uma entrada mais forte nem dá amarelo, na Liga já pode dar vermelho directo. Em Inglaterra há um comportamento puro. Houve um árbitro que me telefonou a pedir desculpa porque se enganou. Perdi dois pontos, empatei a zero, o árbitro não marcou um penálti a meu favor no último minuto, e no dia seguinte ligou-me a pedir desculpa. Eu, que o tinha como a maior desgraça que tinha aparecido na minha vida no último mês, porque me tinha roubado dois pontos, tive que lhe dizer «você é um grande gajo e quando vier apitar o Chelsea outra vez que seja bem-vindo. Você é um homem sério. Pode ser mau árbitro, mas é um gajo sério». Disse-lhe isto a rir. Em Portugal nunca nenhum árbitro me telefonou a dizer «desculpe

A esposa do senhor Pinto da Costa **pode estar ao lado de quem quiser**. E o indivíduo (que me cuspiu) também

ASF

Pagam-me para ganhar. É o que esperam de mim, conseguir resultados. **Quando não os conseguir sou despedido**. O futebol é isto

THOMAS KIENZLE/AP

ASF

NO JOGO com a Lazio, antes de ser expulso por ter impedido um jogador de fazer um lançamento de linha lateral; beijando a Taça da Liga dos Campeões Europeus; na página ao lado, com Reinaldo Teles e Pinto da Costa

lá, enganei-me».

Não se livra de que a imprensa inglesa diga que o seu único problema é que não tenha tomado chá em criança.

Depende dos jornais. Há os que falam bem e os que falam mal. Mas uma coisa é muito clara: com excepção dos milhares de adeptos do Chelsea, ninguém quer que o Chelsea ganhe. E estou a falar de público, adversários, jornalistas, cronistas. O Chelsea simboliza aquilo de que eles não gostam: o poder económico estrangeiro (o clube é propriedade exclusiva de um russo), de um homem que, vivendo em Inglaterra, deve ser dos dois ou três mais ricos desta enorme ilha. E porque o Chelsea simboliza a elite social de Londres. E para finalizar, chega cá um «portuga», que veio lá do fim do mundo. É difícil para os ingleses ouvirem algumas coisas. Da mesma maneira que há críticas negativas, também já li que era uma lufada de ar fresco... Não sinto que seja mal-amado, perseguido, nada disso. Mas sou o treinador de um clube que tem sido perdedor, as pessoas sentem que, se não for este ano, está para chegar, há uma evolução.

Já sente esse clima no ar?

Jáááá. Já sinto que os adversários falam de nós de maneira diferente, jogam de maneira diferente. As pessoas sentem que se não for este ano vai ser para o ano. Não falta muito.

Porque é que preferiu o Chelsea ao Liverpool?

Fui convidado para reunir com o Liverpool na véspera do Manchester-Porto. Estava em estágio e não saí do hotel onde estava em estágio para ir reunir com um clube quando no dia seguinte tinha aquele jogo. Depois apareceu o Chelsea e ambos os clubes foram contactos feitos por empresários, nunca tive um contacto directo com alguém do Chelsea até a época acabar. Com

o Chelsea foi tudo muito direitinho, muito correcto, o clube aceitou esperar pelo final da Liga dos Campeões. Disse sempre que queria sair, que estava disponível, que queria sair a bem.

Mas já sabia perfeitamente que não ia sair a bem.

Saí a bem. Vá ver às contas do Porto quanto é que receberam pela saída do treinador. Fui vendido.

Qual é o seu projecto para o Chelsea?

O Chelsea quer ser o maior clube do mundo e não tem nem 10% dos adeptos que o Manchester tem. Quer ser o maior clube do mundo e não tem um terço dos sócios que o Barcelona tem. Quer ser o maior clube do mundo, mas não tem nem uma décima dos títulos que o Milão tem. Mas o Chelsea quer ser o maior clube do mundo.

E tem tudo para o ser?

Num prazo gigantesco. Não é num ano nem em dois, três, quatro ou cinco que se transforma um clube no maior clube do mundo. O que me pediram, na vigência do meu contrato, que é de quatro anos, é o mais difícil: começar a ganhar. Nestes quatro anos nós temos que ganhar títulos. Podemos não ser campeões este ano, pode ser que consigamos ganhar a Taça de Inglaterra; não somos campeões europeus, pode ser que cheguemos às meias-finais outra vez.

Até onde pensa que pode ir este ano?

Penso que posso ganhar as competições todas. Porque a minha equipa tem capacidade para isso. Mas também penso que posso perder as competições todas. Temos quatro títulos para jogar, acredito que podemos ganhar quatro, mas também acredito que podemos ganhar zero. Para ganhar a Premiership tem que se ser uma equipa fortíssima ao longo de todo o ano; para se ganhar a Liga dos Campeões tem que se ter uma equipa fortíssima, mas também uma ponta de sorte naquele momento, porque o momento vai sempre chegar. No Porto, no ano passado, só tivemos sorte uma vez, com o Manchester, quando marcámos no último minuto. Na fase de apuramento não tivemos sorte; com o Lyon fomos muito melhores e ganhámos facilmente; com o Deportivo da Corunha fomos melhores; na final não tivemos sorte, fomos melhores. Naquele detalhe com o Manchester; se não tivéssemos marcado estávamos de fora.

Gostava que o FC Porto passasse à fase seguinte da Liga dos Campeões?

Eu não gostava nada! Estou contente por ganhar a minha série.

É-lhe indiferente quem é o segundo?

Não me é indiferente quem é o segundo, mas quero que o segundo seja quem merece ser. Ninguém vai ser segundo classificado à conta de menor motivação do Chelsea.

Há três jogadores que foram fundamentais, para si, no ano passado e que não o acompanharam — Deco, Costinha e Derlei. Por que razão não vieram para o Chelsea?

Porque não podiam vir. Não podia vir para o Chelsea com 10 portugueses atrás de mim. Não é essa a imagem que quero dar. O núcleo de jogadores teria que ser sempre inglês. Quis mostrar aos meus jogadores, aqui, que podia construir uma equipa e um grupo e dominá-lo sem ter necessidade de trazer os meus «filhos» todos. Não era o mais correcto.

Porque é que diz que o núcleo maior teria que ser sempre de jogadores locais? Acha que é importante?

Acima de tudo, acho que é correcto. E porque é a Inglaterra, o clube é inglês, os sócios são ingleses — e a empatia maior cria-se com os jogadores. No Porto conseguiu-se isso ao aportuguesar a equipa. E tenho a certeza que daqui a menos de cinco anos vai ser obrigatório ter uma determinada percentagem de jogadores nacionais em todos os países.

Quis mostrar aos meus jogadores que podia construir uma equipa e dominá-los **sem trazer os meus «filhos» todos**

RUI RAIMUNDO/ASF

EM 1992, como adjunto do preparador físico do Vitória de Setúbal

Acha?
Não acho, tenho a certeza. A certeza absoluta. Do tipo 70% do plantel tem que ser inglês ou do tipo, no boletim de jogo, dos 18 jogadores, 70% têm que ser ingleses. Isso vai acontecer nos países todos. Rapidamente.

O que o leva a dizer isso?
Estive em reuniões na UEFA, de alto nível, entre treinadores, e entre dirigentes, e a única coisa que se está neste momento a negociar é em que moldes. Nós, Chelsea, argumentamos: se quando chegámos aqui não havia academia, como querem que tenha jogadores formados no Chelsea se a academia não existia? Eles também querem jogadores formados no clube. Eu argumento, como Chelsea, que se já gastei 10 milhões de contos em campos de treino, em escolas, em centros de estágio para a academia, isso significa que estou a investir na academia. Dêem-me tempo para que estes miúdos, que têm agora 14, 15 anos, cheguem lá.

Tem uma boa relação com Roman Abramovich?
Muito boa.

Ficou impressionado com a sua riqueza?
Fiquei impressionado com a sua paixão pelo futebol.

Ele percebe de futebol?
Quer perceber e muito. Gosta de falar, de perguntar... É amigo de presidentes de clubes na Rússia e em Inglaterra, é amigo de treinadores. Adora o jogo, o que não é muito normal com a vida que tem. E viaja para ver os jogos da equipa.

Foi por causa dele que esta entrevista teve de ser adiada quatro horas. Ele chegou a Harlington e disseram-nos «Chegou Deus».
Chegou o patrão. Normalmente, durante a semana ele não vem cá muito. E tivemos de ir ver o centro de estágio, que vai ser inaugurado a 15 de Dezembro. Ele quis que eu desse uma última olhada. Mas se isso inviabilizasse esta entrevista, eu tinha à-vontade para lhe dizer que não podia ir.

Abramovich cumprimenta toda a gente com um aperto de mão. **Do roupeiro à senhora que lava a roupa**

ANDRÉ ALVES/ASF

AOS COMANDOS da União de Leiria, em 2001, antes de rumar para o FC Porto

Qual é a sensação de ir almoçar com Abramovich, rodeado de guarda-costas, três carros...
Ele usa a sua situação económica para lhe facilitar a vida e ter uma vida boa. Por exemplo: quando fomos ver o Espanha-Inglaterra. Uma coisa é ir de carro para o aeroporto de Heathrow, demorar uma hora, fazer «check-in», esperar mais uma hora, mais duas horas de avião. Ir para o controlo dos passaportes em Madrid, finalmente apanhar um táxi para ir para Santiago Bernabéu. Outra coisa é entrar num helicóptero aqui atrás, em cinco minutos estarmos num aeroporto privado, entrarmos no avião dele, chegarmos a Madrid e estar lá um carro que nos leva até à garagem do Santiago Barnabéu. Mas nem por isso ele deixa de ser uma pessoa extremamente simples. Chega ao centro de estágio, cumprimenta toda a gente com um aperto de mão, desde o roupeiro à senhora que lava a roupa. Não quer fotografias, nem entrevistas. Não quer nada a não ser viver a vida dele o melhor possível e usufruir do que tem.

Não acha que mudou bastante desde que está em Inglaterra? Não está mais calmo?
Estamos sempre a mudar.

Está mais moderado... ou cansado?
Não estou cansado, nem moderado. O meu único espaço de ligação a Portugal, com excepção da família e amigos, é a crónica que escrevo para o «Record».

O que o levou a aceitar esse desafio?
Por um lado, ter esse pequeno vínculo, onde não mordo mas dou uma pequena bicada e posso deixar algumas mensagens. Como não dou entrevistas frequentes para Portugal, por esta via semanal consigo deixar uma ou outra informação daquilo que é a minha vida, e tento chamar a atenção para aquilo que tem de melhor o futebol inglês em relação ao português (menos faltoso, com mais «fair-play», etc.). Não é que aqui seja tudo perfeito, porque também há coisas más. Contei, por

exemplo, aquele episódio do árbitro que me telefonou a pedir desculpa por ter errado. Por que razão, em Portugal, um árbitro não há-de ligar a um treinador quando expulsou mal um jogador ou um técnico? Por que há-de haver sempre aquela relação de polícia e ladrão? Parece que eles são os polícias que querem impor a lei, e nós, treinadores e jogadores, os ladrões que os queremos prejudicar. Por que razão não há cooperação?

A crónica do «Record» também o ajuda a manter-se vivo, porque não vive sem dar bicadas.

Então não vivo? Quando as dou, também me dão a mim.

E gosta. Não disse que uma das melhores sensações que já teve foi entrar no Estádio da Luz e ter 80 mil pessoas a assobiá-lo?

Isso é bonito. É fantástico.

Mais do que ter 80 mil a aplaudir?

Não, não é. São duas situações opostas, mas fantásticas. Uma grande dificuldade que teria agora se saísse de Inglaterra era jogar em estádios não lotados. Cada jogo «sold out», seja em nossa casa ou na do adversário, é um ambiente espectacular. Quem experimenta sente a falta.

Faz-lhe bem ao ego?

Sim. Mas também por ser um jogo com maior intensidade e pressão. Se estão contra, motiva mais a ganhar; se estão contra, empurra para a vitória. O futebol é um grande espectáculo e o campo cheio é uma parte importante.

Considera-se o melhor treinador do mundo?

Não.

Então, está em 13º?

Considero-me um dos melhores.

Quem são os outros?

Os outros que ganham tantas coisas como eu. Não há ninguém que tenha ganho tanto em dois anos seguidos, mas há técnicos ganhadores em Itália.

Trapattoni?

Ganhou muita coisa. Já não ganha é há muito tempo, mas ganhou.

E Trapattoni tem hipóteses este ano?

Acho difícil, mas não é por ele, que está a fazer o trabalho que é possível fazer. Já disse que o plantel do Benfica não era suficiente e continuo a ter a mesma opinião. O Fabio Capello ganhou muita coisa em Itália, o Ancelotti também e não é velho, é pouco mais velho do que eu, e também foi campeão europeu. O Wenger nunca ganhou nada a nível europeu, mas o que tem feito no Arsenal, em Inglaterra, tem de fazer dele um grande treinador.

Mas frisa que lá fora nunca ganhou nada...

E se eu agora estiver cinco anos sem ganhar? Isso de ser o melhor do mundo não existe.

Após tantas críticas, tem dado tréguas a Scolari. Já lhe «bateu» o suficiente?

Não bati muito. E continuo a pensar as mesmas coisas.

Já falou consigo?

Não. Está no direito dele de continuar sem falar comigo. Nem tem de o fazer.

Mas gostaria que o fizesse?

Não! Se, um dia, for treinador de uma selecção, quero trabalhar, e muito. E como quero trabalhar muito, e não há muito para fazer — porque treinar as selecções é o trabalho mais fácil do mundo — só quero ser treinador de selecção aos 50 anos. Portanto, quando há pouco para treinar e pouco jogos para jogar, tenho que fazer coisas que me possam ajudar a ser melhor. E, para ser melhor, posso ir ver treinos dos jogadores aos clubes, porque vendo-os treinar acabo por os conhecer melhor. E se for seleccionador português, agarro no telefone, por exemplo, e ligo ao senhor Fernandez a pedir-lhe autorização para ir ver os treinos do FC Porto durante uma semana. Tenho a certeza que diz que sim. Vejo como jogam, como se comportam. Um dos dramas que sinto é a diferença de treino entre aquilo que fazem na selecção e o que fazem comigo. O que sei soube por

Uma grande dificuldade que teria agora, se saísse de Inglaterra, **era jogar em estádios não lotados**

ASF

BEIJANDO o seu crucifixo-talismã

TOBY MELVILLE/REUTERS

NAS BANCADAS, a assistir a um jogo do Chelsea contra o Everton

eles. Quando estava no Porto, mandava um dos meus treinadores ir vê-los treinar, porque tinha lá muitos jogadores. Aqui, mando um adjunto ver a selecção inglesa. Se estivesse no lugar de Scolari, queria ir a Milão ver o Rui Costa, a Madrid ver o Figo, tentar fazer com que o meu trabalho fosse multifacetado para assim ter alguma coisa para acrescentar. Mas se ele acha que assim é o suficiente, e tem êxitos e resultados e ainda é feliz dessa maneira... cada um trabalhar como quer.

Pensa treinar a selecção nacional?

Sim, entre os 50 e os 55 anos. Já disse à minha mulher que depois deixo o futebol.

As suas crónicas são curiosas porque fala de muita coisa que lhe acontece em Londres.

As minhas crónicas são muito difíceis de fazer. Às vezes faltam-me temas, não tenho muito tempo para pensar nelas e acabo por falar de coisas que acontecem.

E mete-se a fazer a análise dos clubes portugueses. Mas do Porto não fala!

Do FC Porto não faço a análise.

Tem consciência de que vai irritar?

Não tenho sido ofensivo para ninguém, tenho tido o cuidado de não ser esmagador. Não sei por que razão eles se ofendem.

Como é o seu dia-a-dia em Londres? Conduz, por exemplo?

Conduzo porque sou obrigado, mas não gosto.

Entrou no mundo social de Londres, vai a estreias de filmes...

É esporádico.

Poderia fazer uma vida de alta-roda. Pelo menos os convites chegam-lhe.

Não me chegam muitos. Os actores ingleses conhecem-me, os americanos não. Podemos encontrar-nos na rua, porque moramos todos perto. É normal irmos na rua e passarmos pelo Sean Connery. Um dos meus adjuntos, o Brito, mora no mesmo prédio que a Monica Bellucci, está mal acompanhado... O Jeremy Irons também mora perto de mim.

Lida muito com a comunidade portuguesa?

A comunidade portuguesa somos nós. Entre eu e os meus adjuntos somos cinco, com cinco mulheres são 10, com os meus filhos e o do Silvino dá 13. Somos um grupinho e encontramo-nos na casa uns dos outros, ou vamos jantar fora.

É o técnico mais bem pago do mundo?

Não sei, nem me interessa. Sei que sou bem pago, e estou contente com o que recebo.

Alguma vez sonhou ganhar o que ganha hoje?

Nunca sonhei ganhar nada. Apenas ter uma vida tranquila e equilibrada.

O dinheiro mudou muito a sua vida?

É melhor tê-lo do que não tê-lo. Tenho uma boa casa e tudo aquilo que pode fazer uma família mais feliz — boas férias, vestir bem, os filhos em boas escolas. Não tenho os problemas básicos que muitas famílias têm. Mas também não faço extravagâncias, não sou de grandes luxos. É evidente que podendo ter um carro melhor, tenho. Mas não faço colecção. Quando compro um vendo o outro, não tenho gozo em ter 10 carros.

Tem fama de forreta.

Não sou é esbanjador. Não faço ideia de onde vem essa fama, se calhar é por não ser exibicionista. Não me vão ver para aí de Ferrari ou Rolex de ouro.

Tem consciência que essa imagem o favorece?

O importante é ganhar. Ponham o Brad Pitt a treinar o Chelsea a ver se ele se safa!

Mas para uma equipa de estrelas, como o Real Madrid, seria melhor um técnico com a sua imagem do que o García Remón?

Há aspectos da personalidade que são marcantes e mais importantes de exteriorizar quando se tem uma função mediática. É preciso mostrar confiança de uma forma activa. Até posso estar sentado durante 80 minutos, mas quando me levanto sou ouvido. E quando perco, não vou chorar para o pé da imprensa. Vou com a cabeça ainda mais no ar. Por exemplo: começou a guerra no Iraque, o Bush não pode ir para a Imprensa gaguejar.

Disse em tempos que era difícil ser de direita e viver em Setúbal.

Setúbal passou por uma fase difícil. Num determinado momento passou a ter pouca gente nascida na terra, vinham muitas pessoas

É normal irmos na rua e encontrarmos o Sean Connery... **O Jeremy Irons também mora perto de mim**

do Sul, com uma filiação diferente. As coisas, entretanto, mudaram. E neste momento o presidente da Câmara — que julgo ter sido eleito como independente, mas era comunista — está a fazer um trabalho fantástico. Eu, não sendo extremista, mas situando-me à direita, tenho com ele uma relação óptima. Enquanto fizer o trabalho que está a fazer nunca votarei contra ele. Setúbal é agora uma cidade aberta e tranquila.

Quando voltou ao FC Porto como treinador principal sucedeu a Octávio Machado, que tinha um ódio de estimação por si. Curiosamente, dois homens de Setúbal.

Não, não (**muito sério**), ele é de Palmela. Vá dizer aos de Leça que Matosinhos é Leça ou que Leça é Matosinhos!... Mas nunca nos cruzámos na via pública.

O que acha da «escola» que Octávio Machado representa, em relação à sua?

Qual «escola»?

A de treinadores.

Não conheço a sua «escola». Sem dúvida que é um nome marcante do futebol português como treinador adjunto. É treinador adjunto de um clube e de uma geração ganhadora, portanto, tem mérito nas coisas que foram conquistadas pelo Artur Jorge no Futebol Clube do Porto. Como treinador adjunto tem um currículo fantástico.

Octávio Machado tem um currículo fantástico como treinador-adjunto

Continua a dar-lhe vontade de rir ver políticos a tecerem considerações sobre um jogo ou sobre um treinador?

É algo a que nos temos de habituar. Eles também se podiam rir de o homem do futebol ter conseguido entrar onde não entrava há anos atrás. Neste momento há uma grande reciprocidade, as pessoas do futebol querem entrar na política e as pessoas da política também utilizam o futebol.

E quem é o político português que acerta mais?

Não é um político. É o Miguel Sousa Tavares. Já demonstrou que percebe de futebol. E embora tenha dito coisas de que não gostei, convidei-o para escrever o prefácio do meu livro. Lembro-me de uma que me feriu tremendamente. Foi quando nós perdemos em casa com o Panathinaikos, para a Taça UEFA, e depois ganhámos lá. Ele escreveu que eu tinha menosprezado o Panathinaikos porque não tinha ido ver a equipa jogar e não estaria bem preparado. O que aconteceu foi que eu estava disponível para dar a volta ao mundo para os ver jogar, mas, por uma razão ou outra, nunca consegui. O que o Sousa Tavares disse bateu-me de uma maneira incrível. No fundo era acusar-me de falta de profissionalismo!

E o que diz ao facto de ele insinuar que o Chelsea é um clube da máfia russa?

Por acaso não li isso. Se ele sabe alguma coisa que eu não sei, que o diga. Para mim, o Chelsea é um dos três maiores clubes de Londres. No Tottenham está a comunidade judaica, fortíssima aqui. O Arsenal é poderosíssimo, e o Chelsea também é um grande clube. Que o dono seja russo, para mim é igual. Tanto trabalho com um russo, um chinês ou um japonês.

Quando saiu do Benfica escreveu a «bíblia», um manual do segredo para ser grande treinador...

Escrevi porque tinha tempo.

Nunca a divulgou publicamente, mas no FC Porto toda a gente a tem.

Não, essa não é a «bíblia». É o que faço para os clubes, um livro, um documento que explicita a minha forma de pensar o clube. É o meu guião para o clube, em termos técnicos, tácticos, para os jovens saberem como trabalho, penso, o que preconizo, o que procuro do clube. Aquilo que para mim é a «bíblia» é aquilo que de facto é meu, que não é de mais ninguém. O que chamo a bíblia, mas que poderia chamar de diário de treino e de jogo, é meu, muito meu, é chegar a casa depois de um jogo e escrever sobre ele. É a minha forma de pensar o treino, o jogo, de reflectir sobre os exercícios de treino, fazer com que eles evoluam.

Alguma vez vai publicar a «bíblia»?

Não, não vou. Vou dá-la ao meu filho, se ele enveredar por esta profissão — e espero que não. Se ele não enveredar por esta profissão vou fazer uma cópia e dar uma ao meu filho e outra à minha filha.

Acha que vai existir uma geração no futebol que tenha a sua marca?

Acredito que a garotada é que vai ter a capacidade de perceber em profundidade aquilo que sou e o que penso. E são os mais novos que vão poder, com inteligência, agarrar em coisas minhas como uma escola, um suporte para eles próprios pensarem, um ponto de partida e não de chegada. Se assim não fosse, eu hoje treinaria como treinava o Robson ou o van Gaal. E não treino nada como eles treinavam. Neste momento há uma vaga de gente que tentar copiar — e mal. Por isso acredito muito mais nos miúdos que desesperadamente me procuram — nas faculdades de Motricidade Humana há uma quantidade de teses de licenciatura de miúdos que são feitas à minha volta.